

Valor

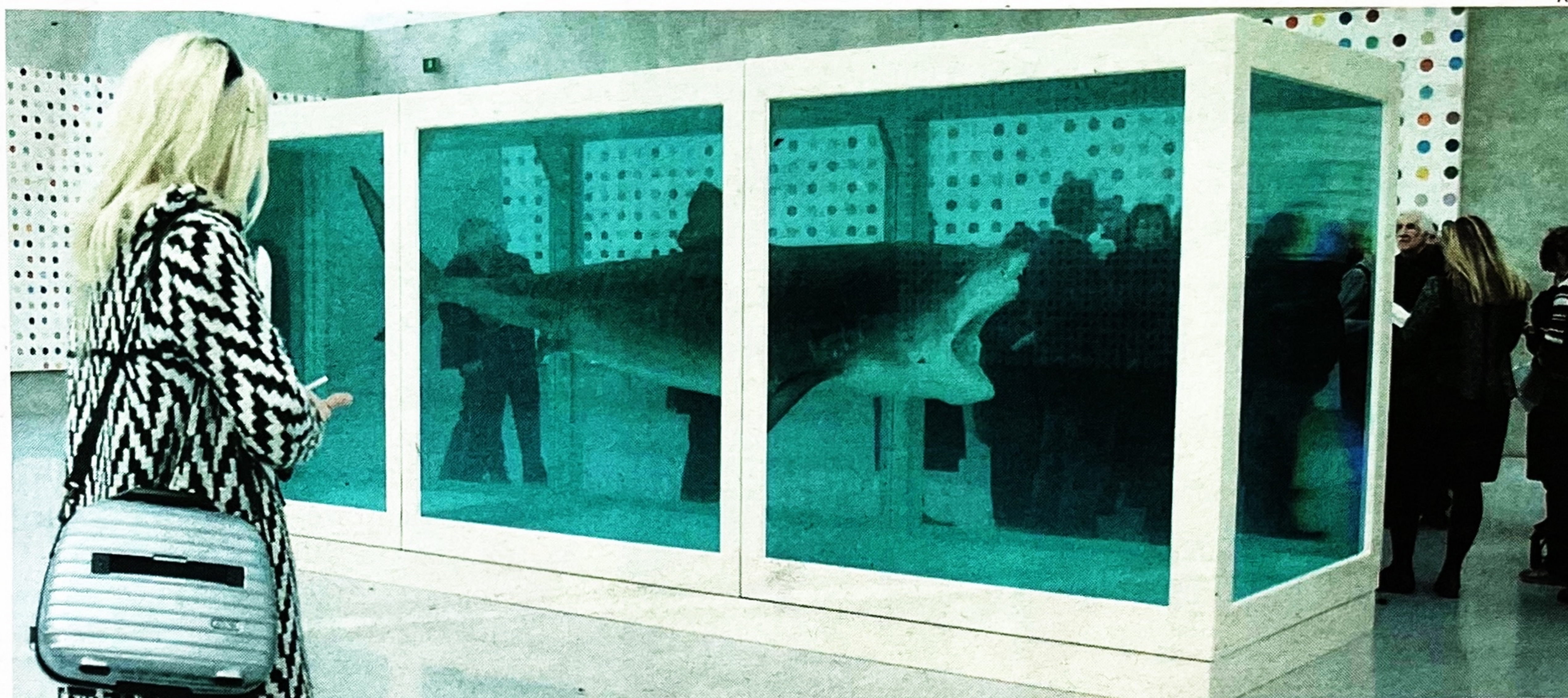
FIM DE SEMANA
FU &

Sexta-feira e fim de semana, 5, 6 e 7 de fevereiro de 2010 - Ano 10 - Nº 485

"À MESA COMO VALOR":
LAÉRCIO COSENTINO, FUNDADOR
DA TOTVS, A MAIOR EMPRESA
DE SOFTWARE DO PAÍS

DO BRASIL PARA O MUNDO

Com a crescente força dos emergentes,
brasileiros brigam por mais postos
em organismos internacionais



O famoso tubarão em formol do artista inglês Damien Hirst, vendido por US\$ 12 milhões: emblema máximo da "grande feira"

Muito dinheiro e nenhum critério

Luciano Trigo investe contra o vale-tudo na arte. Por **Márcio Ferrari**, de São Paulo

"A Grande Feira"

Luciano Trigo
Civilização Brasileira
240 págs., R\$ 34,90 **BB+**



Montinhos de areia, TVs fora de sintonia, ordenações banais de objetos idem, sacos de lixo empilhados, animais esquartejados e outras tentativas patéticas de chocar. Quem já não se irritou numa exposição de arte contemporânea? Em "A Grande Feira", o jornalista Luciano Trigo pretende apresentar, segundo o subtítulo, "uma reação" a esse "vale-tudo".

A expressão "arte contemporânea" é consagrada, mas um pouco fluida. Em geral é usada apenas para obras de arte que não se classificam como pintura (ou desenho, gravura, etc.) nem como escultura, nem como arte aplicada. Trigo prefere um critério ideológico e identifica, no contexto das artes plásticas, os termos contemporâneo e pós-moderno, sendo este o "triunfo do conceitualismo". Ataca o pós-modernismo e defende o modernismo.

Segundo o autor, os artistas modernos se empenharam em "renovar

o próprio conceito de arte, explorando todas as possibilidades da forma, ao mesmo tempo que se engajavam nas questões éticas e políticas candentes". Já o pós-modernismo se dedicou "à abolição da necessidade da forma e à desqualificação de qualquer projeto transformador". "O que era um impulso de libertação do olhar (...) acabou resultando na dissolução do olhar, ou ao menos de um certo tipo de olhar, associado à experiência estética", escreve o autor, explicitando o que caracteriza como a falta de critério (o "vale-tudo") da arte contemporânea.

Isso leva ao princípio do "se faz sucesso, é bom". Como não há padrão de legitimidade estética na arte contemporânea, ela depende de um circuito que começa nas "panelinhas" dos definidores de gosto — críticos que não têm muito a dizer, curadores altamente influentes —, passa por especialistas em marketing, galeristas especializados em trocas de favores, museus com representantes de empresas em seus conselhos curadores e chega às enormes somas pagas por investidores na compra de obras de arte questionáveis. Como emblema máximo dessa "grande feira", a capa do livro estampa o famoso tubarão mergulhado em formol do artista inglês Damien Hirst, comprado por US\$ 12

milhões pelo financista americano Steve Cohen, em 2004.

Trigo tem a seu favor vários exemplos de descabros do mercado e ideias idiotas levadas em frente por artistas de todo o mundo, mas eles só se prestam a pregar aos convertidos. Os textos do livro, ao que parece, foram escritos independentemente uns dos outros e publicados no blog do jornalista, "Máquina de Escrever". Reunidos, são uma leitura penosamente repetitiva, que chama a atenção para a constância com que ele lança mão de generalizações. É quase impossível não reagir com considerações igualmente vagas, como "mas isso sempre foi assim" ou "isso também acontece em outras áreas".

Ficam no ar algumas perguntas básicas. A explicação que ocorre ao autor para os altos investimentos nas obras de arte contemporânea seria lavagem de dinheiro, mas ele admite que é apenas uma suposição. Mesmo que ela tenha fundamento, por que os investidores não empenham seu dinheiro em quadros de Romero Britto? Pelo menos seriam obras com vocação decorativa e um número muito maior de possíveis compradores futuros. O fato é que a chamada arte contemporânea tem um impressionante poder de permanência que ainda falta explicar.

"O Portal da Filosofia"

Robert Zimmer
Trad.: Marijane Vieira Lisboa e Rita de Cássia Machado. WMF Martins Fontes,
232 págs., R\$ 42,00 **AA+**



O leitor que quer ter uma ideia geral de 16 obras centrais da filosofia antes de se dedicar às que mais lhe interessam agora tem uma espécie de guia

escrito em linguagem acessível neste "O Portal da Filosofia — Uma Entrada para as Obras Clássicas, Volume 1". Formado em filosofia e inglês, ex-professor e publicitário, Zimmer percorre séculos — cerca de 399 a.C. a 1971 — ao falar dos pensadores, explicar e contextualizar em suas épocas obras como "República", de Platão; "Discurso do Método", de Descartes; "Crítica da Razão Pura", de Kant; "O Capital", de Marx; "Assim Falou Zaratustra", de Nietzsche; "Ser e Tempo", de Heidegger; e "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos", de Popper, entre outras.

"Boa Companhia - Haicais"

Vários. Rodolfo Witzig Guttilla (org.)
Companhia das Letras
192 págs., R\$ 32,50 **AA+**



Pouca gente sabe, mas foi Monteiro Lobato o pioneiro na introdução do haikai — tradicional poema japonês — no Brasil, em 1906. Como ele, vários escritores

brasileiros se interessaram pelo gênero e o praticaram, criando ou traduzindo. Neste livro, o jornalista, antropólogo e poeta Rodolfo Witzig Guttilla conduz o leitor pela história do haikai desde a origem (remonta ao século VII), fala de seu abramileiramento e expõe suas particularidades — tem, em geral, três versos de cinco, sete e cinco sílabas poéticas. Depois, apresenta trabalhos de 24 autores, entre eles Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski, Alice Ruiz, Millôr e até Erico Verissimo. Já Guilherme de Almeida fez um haikai sobre o próprio haikai: "Lava, escorre, agita/ a areia. E enfim, na bateia,/ fica uma pepita". (LMF)